

A difícil missão de atrair rebeldes

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**
Com Agência Folha

Carlos Moura



JOSÉ SERRA E RITA CAMATA: ELE QUER CRIAR UM MINISTÉRIO DE SEGURANÇA PÚBLICA. ELA DIZ QUE NÃO SERÁ UMA VICE PASSIVA E OPINARÁ NAS DECISÕES DE GOVERNO

Estava tudo combinado desde sábado. Mas a divulgação foi de última hora. A organização do encontro ontem pela manhã em que as cúpulas do PMDB e do PSDB apresentaram oficialmente a chapa José Serra e Rita Camata à Presidência da República foi feita em segredo. Tudo para evitar justamente a presença daqueles que os dois partidos dizem querer trazer para a campanha: os dissidentes do PMDB. "Queremos todo o PMDB conosco. A aliança é para governar", comentou Serra.

A tarefa, no entanto, promete ser inglória. Em São Paulo, a convenção estadual do PMDB foi um ato anti-Serra, com o ex-governador Orestes Quércia falando em apoiar o PT. No Paraná, o senador Roberto Requião, derrotado depois de socos e pontapés na convenção do PMDB no sábado, também já declara apoio ao petista Luiz Inácio Lula da Silva. O ex-presidente do PMDB Paes de Andrade vai pelo mesmo caminho: "Eles (os governistas) compraram a convenção. Nós vamos lutar até o fim contra isto", comentou, referindo-se à ação que Requião ingressou no Supremo Tribunal Federal para tentar anular a decisão do PMDB (*leia abaixo*).

Enquanto a ala oposicionista do PMDB promete continuar em guerra contra o PSDB e a coligação, os governistas seguem seu cronograma. Numa sala anexa ao restaurante do Hotel Nahoum, onde a chapa foi apresentada, Serra discorreu sobre seu projeto de segurança pública ao lado de sua vice, posou para fotos e prometeu ainda ampliar a aliança, buscando o apoio do PFL e do PPB para a campanha presidencial. Rita não ficou na sombra. Prometeu trabalhar pela utópica unidade do PMDB. "Não serei uma vice passiva", disse. Saiu do encontro pela frente, saudada por militantes do PSDB, enquanto o candidato saiu pelos fundos.

Mas houve um ponto que nenhum dos dois candidatos quis

comentar. Os aspectos jurídicos que envolveram a convenção do PMDB. Nenhum dos dois quis falar sobre o fato de uma liminar à meia-noite de sábado cancelar a convenção e o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Nelson Jobim, acatar um pedido dos governistas para que a convenção se realizasse. "É assunto do PMDB. Sobre isso nenhuma palavra", afirmou Serra. "Essa ação não deve prosperar. O encontro já foi realizado e a votação foi democrática", afirmou o presidente do Senado, Ramez Tebet,

nomeado na hora pelos líderes do PMDB para responder às perguntas sobre o assunto.

SEGURANÇA

Na avaliação dos dois partidos, o que interessa é o resultado no qual 66,5% dos peemedebistas aprovaram a coligação. Por isso, a ordem é ingressar na campanha e Serra não vê a hora de expor seus projetos. Ontem, ele aproveitou para falar de segurança. Disse que pretende triplicar o número de policiais federais, caso seja eleito. Para isso, usa-

rá o dinheiro decorrente do aumento de arrecadação que pretende obter com o crescimento da economia, das exportações e do emprego no país e não com aumento de impostos.

Nesse campo, Serra promete um programa completo que incluirá desde a valorização do policial federal, além do civil e militar, até a criação de um banco nacional de impressões digitais, com cobranças políticas de engajamento de todos governadores e prefeitos no combate ao crime organizado. "Se for necessário, mu-

daremos até a constituição para dar maior participação do governo federal no combate ao crime organizado", afirmou Serra.

Ele aproveitou para tentar desfazer o clima de mal estar gerado na convenção do PSDB, quando, na frente do presidente Fernando Henrique Cardoso, se colocou como o primeiro presidente que, se eleito, levará a indústria do turismo a sério. "O país estará completando este ano um ciclo de vida. O ciclo Fernando Henrique. Abriu-se caminho para políticas sociais inovadora, ao desenvolvimento

social, na afirmação do processo democrático, da forma equilibrada e firme de combate à corrupção e ainda da inserção do Brasil no mundo globalizado", disse o candidato, que não deixou de alfinetar os adversários: "Cada candidato de oposição se apresenta como salvação nacional. Prometem tudo. Crescimento, loteamento na lua. Até uma perspectiva messiânica. Eles pintam quadros de verdadeira calamidade e pessimismo a respeito do Brasil", afirmou, colocando-se como o candidato da segurança no futuro do país.